

CADERNO PEDAGÓGICO

ORALIDADES AFROPARANAENSES

CAPITULO 3

PRESENÇA NEGRA NO PARANÁ

UNIDADE 5

POEMA

OU POESIA

AZEVICHE?

Romilda Oliveira Santos

C'ORAÇÃO

Moro em uma selva de pedra
E ouço tambores.
Passo a passo,
Passo encruzilhadas. Laroie!
Ouço tambores em minha cabeça
Os tambores falam comigo.
Observo as ruas
E vejo o caminho aberto. Ogunhê!
Tiro meus sapatos
E piso na terra. Atotô!
Ouço tambores na minha cabeça
E fico em silêncio.
Entro na mata,
Peço agô. Okê Arô!
Ouço tambores na minha cabeça.
Contemplo a natureza,
Vejo as folhas. Ewê ó!
Os tambores falam comigo.
O tempo fecha,
Relampejou,
Vento e tempestade. Epahei Oyá!
Ouço tambores
E trovoadas na minha cabeça.
Kaô, Kabiecilê!
Corro em direção ao rio. Oraieie, ô!
Os tambores falam...
Ouço tambores na minha cabeça.
Olho para o firmamento,
Surge o arco-íris. Arroboô!
Os tambores falam.
Súbito, os meus pés
Se afundam no barro. Saluba, Vovó!
Sigo o curso das águas
Que, dançando, desembocam no mar.
Odo Yá, minha mãe!
Ouço tambores na minha cabeça.
Respiro fundo e sinto a brisa no ar.
Exee, Babá!
Os tambores falam comigo,
Ouço tambores no meu coração.

CANDIERO. In.: **Antologia da poesia negra curitibana**. Disponível em:
<https://informativocentroculturalhumaita.files.wordpress.com/2017/06/e-book-atas-do-iii-simpc3b3sio-internacional-de-literatura-negra-ibero-americana.pdf> p. 470

POEMA OU POESIA AZEVICHE?

Romilda Oliveira Santos

A lei 10.639 foi criada em 2003 e determina a obrigatoriedade de ensinar nas escolas municipais, estaduais e particulares a história e cultura das etnias negras seja contada, que seja desvelada a cortina que esconde a importância do sujeito negro na fundação e na construção do Paraná e do Brasil.

A conscientização provém do conhecimento e só se realizará a medida que os temas relacionados ao povo negro e seus direitos como cidadãos paranaenses e brasileiros forem discutidos nas escolas e nas comunidades.

São objetivos deste diálogo: trazer para a visibilidade as questões da etnia afro-paranaense; sugerir metodologias para trabalhar a **História e Cultura Africana e Afro-brasileira** através da poesia azeviche em diversas disciplinas da grade curricular; além de despertar no jovem e na criança negra o orgulho da negritude, da sua história, da sua pertença ao se ver representada na produção literária e das imagens de negros importantes para a história da negritude. Portanto, apresentaremos poesias de autores negros importantes desde o século XVIII ao século XXI.

Uma boa opção é utilizar a sequência didática de Bordine e Aguiar (1988) e a sequência expandida de Rildo Cosson (2006) como metodologia. A sequência didática é uma metodologia baseado em cinco passos que permite que o trabalho do professor alcance o aluno com mais eficiência. Sendo possível trabalhar com a literatura através das sequências expandidas de Rildo Cosson (2006).

Começa-se sensibilizando o aluno para o tema a ser trabalhado. Aos poucos vai-se construindo o conhecimento após cada etapa concluída pelo aluno e guiado pelo professor. Os temas são iniciados pelo básico, ou seja, o conhecimento que o aluno carrega consigo devido às muitas interações familiares e sociais e vai-se aprofundando à medida que discussões são levantadas e pesquisas feitas. Na produção final, o conhecimento crítico é observado e novos desafios são iniciados. (OLIVEIRA SANTOS, 2015).

Primeiro momento – 2 aulas de 50 minutos

1º passo - Sensibilização ou “A determinação do horizonte de expectativas”

Já nesta etapa, o professor faz um levantamento das vivências do aluno e suas preferências. Como estamos trabalhando com adolescentes e essa galera não



consegue ficar calada ou imóvel por muito tempo, usaremos a roda da capoeira e a conversa informal para sensibilizar e preparar os alunos para o trabalho: Comece com a audição do CD ou vídeo da música da capoeira:

A E I O U U O I E A A E I O U

Vem criança vem jogar

Eu aprendi a ler
Aprendi a cantar
E foi na capoeira
Que eu aprendi a jogar

Eu estudo na escola
E treino na academia
Eu respeito a minha mãe
O meu pai e minha tia

Fonte: <http://capoeiralyrics.info/songs/a-e-i-o-u.html>

Segundo Bordini e Aguiar (1993, p.88), “às estratégias de ensino, que deverão ser organizadas a partir de procedimentos conhecidos dos alunos e de seu agrado”.

A professora pode cantar para os alunos ou gravar em um pendrive a música ou vídeo e reproduzir no computador, rádio ou aparelho de som e deixá-los livres para ouvirem.

Em seguida, recomendamos explorar a audição com questionamentos como: Quem conhece esse estilo de música? O que dá para perceber prestando atenção na letra da música? Vocês já conheciam este tipo de música? Vocês já dançaram ou jogaram este ritmo? No questionamento, nós usamos as palavras **jogaram** ou **dançaram**, alguém sabe o por quê?

A professora pode orientar uma pesquisa sobre a origem da capoeira, etc. Se os alunos quiserem podem até realizar alguns passos no meio da roda para mostrar que conhecem a capoeira, falar dos instrumentos e de suas vivências sobre a capoeira, etc.

É importante valorizar o conhecimento do aluno, assim ele participará da aula dando contribuições da sua oralidade.

A professora pode chamar a atenção para a linguagem coloquial oral presente na cantiga. Para os primeiros anos do ensino médio, colocar a letra da cantiga na lousa.

Hora da cantoria – todos na roda cantando.

Essa atividade está ligada diretamente a oralidade, a professora pode solicitar que os alunos sentem-se na roda. E continuar a explorar oralmente o assunto: A música é um pequeno texto. Fala de quê? Qual a mensagem que a música passa? Quais os valores estão presentes na letra da música?

A professora pode falar um pouco sobre a capoeira sem entrar em detalhes, porque os alunos farão a pesquisa que deve ser valorizada e socializada.

A capoeira é um misto de – jogo, dança, luta – conhecida tradicionalmente como capoeira-de-angola foi praticada em quase todo o Brasil onde a escravidão teve papel significativo na vida econômica-social. É jogo quando os participantes competem na demonstração de agilidade e destreza. É dança quando os capoeiras se exibem desenvolvendo a sua linguagem gestual ao som de melodias e seguindo o ritmo dos berimbaus, tambores e pandeiros. É luta quando é usada em golpes de ataque e defesa pessoal (Benjamin, 2004).

Segundo momento – 2 aulas de 50 minutos.

Retoma a sensibilização agora com um Jongo.

Segundo o poeta Candiero, “a música cantada em círculos ajuda a descontrair”. Portanto, penso que dá para cantar uma música toda vez que começar a falar sobre um assunto relativo à cultura e história do povo negro.

Então, todos na roda e vamos cantar um jongo.

A música faz os jovens ficarem mais desinibidos e adquirirem uma postura relaxada e mais participativa. Explicar que é uma música bem pequena que é acompanhada com palmas e pés batendo no chão.

Audição do jongo. Cantoria de um jongo em círculo. A professora coloca na lousa a letra do jongo. Incentivados pela professora que puxa o jongo, todos juntos formam a roda e cantam o jongo.

Após a cantoria explorar oralmente o conhecimento dos alunos sobre o assunto com questionamentos, por exemplo: Quem conhece esse estilo de música? O que dá para perceber ao ouvirmos a música, só a letra? Vocês já conheciam este tipo de música? Vocês já dançaram o jongo? Que sentimento o jongo demonstra?



Chamar atenção para a linguagem coloquial oral presente no jongo. Para o posicionamento do **eu-lírico** se autodeclarando negro e de sua origem.

Explicar brevemente o porquê do jongo ser cantado em roda. A cultura da oralidade onde os mais velhos ensinam os mais jovens a cantarem, dançarem que faz parte da cultura e da oralidade africana e afrobrasileira e que os negros trouxeram para o Brasil. Comentar que os jongos eram cantados para aliviar o cansaço do trabalho pesado que faziam nas fazendas de café.

Pedir aos alunos para copiar o poema no caderno observando os espaços entre os versos. Explicar a estrutura física do texto de modo em geral.

Conhecendo um pouco do Jongo:

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/a-quatro-vozes/1657190/>.

JONGO
Le le le le le le le le le

**Nasci n' Angola,
Angola que me criou.
Sou neto de Moçambique
eu sou negro
SIM, sinhô! "**

Levar os alunos a sala de informática para pesquisarem e saber mais sobre o jongo.

Dica: não se fala em jongo sem mencionar o Mestre Darcy! Veja o vídeo **Saravá Jongueiro, Darcy do Jongo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AgrbjtOjvcE>

2º Passo Atendimento do horizonte de expectativas

A literatura presente em suas formas de poemas e narrativas tem a “função de humanizar o homem, é um fator indispensável na formação humana”, afirma Cândido (1995).

Para Bordini e Aguiar (1993, p.88)

Uma vez detectadas as aspirações, valores e familiaridades dos alunos com o tema proposto, a etapa seguinte consiste no atendimento do horizonte de expectativas, ou seja, proporcionar à classe experiências com os textos visuais / literários que satisfaçam as suas necessidades em dois sentidos.

O jongo é um ritmo que teve suas origens na região africana do Congo-Angola. Chegou ao Brasil-Colônia com os negros de origem Bantu trazidos para o trabalho forçado nas fazendas de café do Vale do Rio Paraíba, no interior dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. A demanda por mão de obra para o trabalho na mineração e nas fazendas de café intensificou o tráfico humano. Com a decadência econômica de outras regiões do país, uma massa imensa de homens e mulheres escravizados foi deslocada para o Sudeste onde, em alguns momentos, mais da metade da população era formada por africanos, a maioria de ascendência Bantu.

A influência da nação Bantu foi fundamental na formação da cultura brasileira. Para acalmar a revolta e o sofrimento dos negros com a escravidão e distrair o tédio dos brancos, os donos das isoladas fazendas de café permitiam que os africanos dançassem o jongo nos dias dos santos católicos. Para esses homens e mulheres, o jongo era um dos únicos momentos permitidos de trocas e confraternização.

Ainda para as autoras o ato de ler pode ser duplamente gratificante.

"No contato com o conhecido fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver" (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 26).

Terceiro momento – 1 aula de 50 minutos

Retomar os textos da capoeira e do jongo já trabalhados e levantar o questionamento se o texto é poesia ou poema "Poema ou poesia negra?"

Deixar a turma expor sua opinião sobre a questão levantada.

Solicitar ao aluno a criação de uma definição para o tema estudado até o momento. Registro na lousa.

Após os registros das definições elaboradas pelos alunos, apresentar a definição dada por Alexandre Tambelli ao responder ao desafio proposto pela coordenadora do site: **A voz da Poesia** - www.avozdapoesia.com.br - um questionamento sobre de que se falava de poema ou de poesia e pedia um artigo para solucionar o impasse.

O poema se constrói através do

"armazenamento de sentimentos, vivências, pensamentos, ideias e conceitos, aprendizados n'alma; É a captação de uma energia física que paira no ar e está presente em todas as coisas, nos seres humanos, nos seres vivos, na vivência humana, suas criações e suas relações sociais, e que vive em constante movimento e nos leva, às vezes ou muitas vezes, a um estado de alteração, de sensibilidade outra, que nos toca profundamente e nos chama à criação poética... o momento de inspiração que a torna corpo, se realiza" (TAMBELLI, 2013).



Solicitar aos alunos que comparem as definições e comentem o que acham destas definições e que se for preciso complemente as definições, com a dada por Tambelli (2013).

O registro das informações é importante para que os alunos complementem de onde eles trazem as informações, como ficaram sabendo ou conhecendo o assunto ou o tema debatido.

Neste momento trabalhar com dois poemas, um do Solano Trindade **Sou Negro** e o outro, de Candiero, **Estética Negra**.

Sou Negro

à Dione Silva

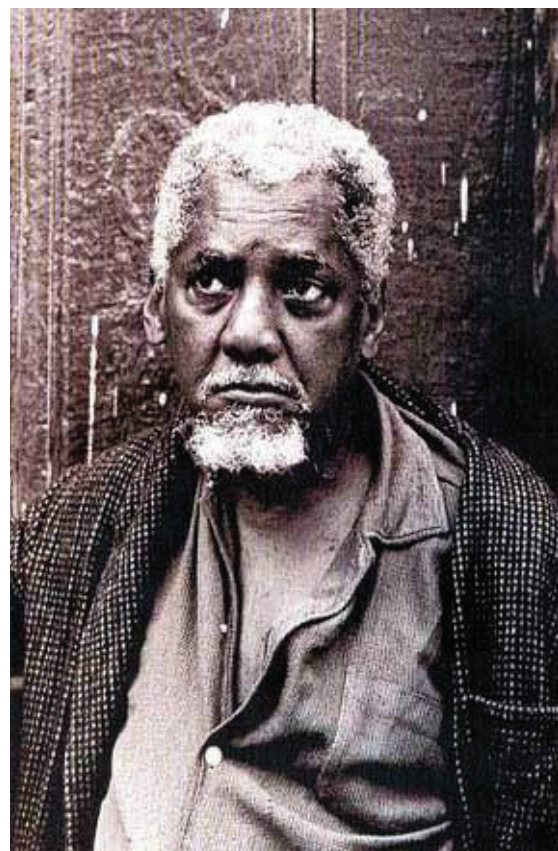
Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu
o batismo dos tambores atabaques,
gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

[...]

Mesmo vovó não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação...



Solano Trindade. Fonte: <https://www.geledes.org.br/solano-trindade/>.

A escolha destes dois poemas nesta etapa se deu pelo fato de serem mais ou menos curtos e ambos tratarem do orgulho de ser negro.

Leitura em voz alta do poema de Solano Trindade (1961):

Apresente o autor e sua biografia, acompanhada de uma imagem (para dar visibilidade).

Comente o quanto Solano Trindade foi importante para a luta de resistência do povo negro no Brasil.

Entregue uma cópia da poesia para cada aluno;

Oriente aos alunos que façam uma leitura silenciosa do texto;

O professor pode fazer uma leitura dramática do texto (ritmo e entonação);

Explore o texto com os alunos.

O eu-lírico se assume negro, declara sua descendência, da valentia, fala da escravização do seu povo, da cultura (maracatu, samba), da resistência (Luta dos Malês, BA.).

Professor: Solano Trindade além de poeta foi um ativista das causas do negro em meados do século XX, tal qual seus antecessores do século XVIII como Domingos Caldas Barbosa com a **Viola de Lereño** (1798), segundo Assis Duarte, 2014.

E, Luiz Gama, no século XIX com a publicação de *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, fala sobre sua negritude. A coletânea, cuja primeira edição foi lançada em dezembro de 1859, apresenta o eu-poético do autor, se assumindo negro. Merece atenção em especial, a poesia satírica Bodarrada **Quem sou eu?**

Eu bem sei que sou qual Grilo [...]

Se negro sou, se sou bode,

pouco importa.

O que isto pode? [...]

David Emiliano Pernetá, em meados do século XX, construiu uma biografia que transitava por caminhos como o lirismo poético, a fervorosidade da política, a paixão profissional pelo Direito, pelo jornalismo e, pela auditoria militar. Mas foi à poesia que entregou-se com grande paixão. Atraído pela poesia do francês Baudelaire, foi um dos condutos para a implantação do movimento simbolista no Paraná e no Brasil. Esteve à frente de algumas das principais revistas literárias nacionais, entre elas a *Cenáculo*, *Victrix*, *A República*, *Palium* e *Jerusalém*. O escritor e crítico José Cândido de Andrade Muricy, em um de seus estudos faz uma homenagem ao poeta, colocando-o entre os que saudaram a



Domingos Caldas Barbosa (Lereño Selinuntino). Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Domingos_Caldas_Barbosa.



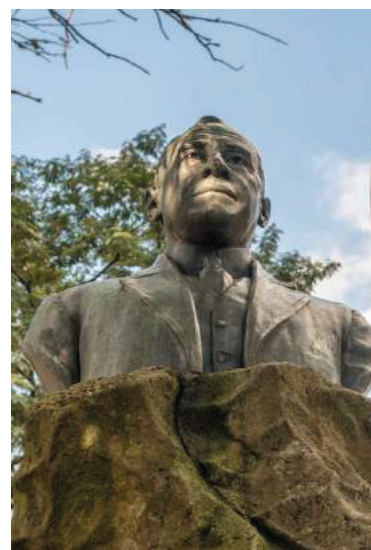
Luiz Gama. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Gama

estação das folhas amarelecidas, em sua derradeira composição, datada de 1920. É considerado o principal escritor paranaense de sua época.

Os seus primeiros poemas são datados de 1884. No começo do século XX, criou a revista **Victrix**, voltada ao simbolismo. A partir de 1911, lança suas principais publicações, **Ilusão** (1911) e **Pena de Talião** (1914). Em agosto de 1911 foi aclamado **príncipe dos poetas paranaenses**, na festa de lançamento de seu livro **Ilusão**, no Passeio Público, Curitiba. E em 19 de dezembro de 1912, participou da fundação do Centro de Letras do Paraná, em parceria com Euclides Bandeira. Entre 1913 e 1918, foi presidente da instituição.

Laura Santos, também nos meados do século XX, foi reconhecida como a **Pérola Negra do Paraná**. Curitibaana, romântica, falando dos seus desejos em um contexto “patriarcal e racista” é, segundo a análise de Henrique Marques Samyn, (2018)

[...] uma escritora que demanda leituras capazes de, ultrapassando as interpretações que se ancoram em lugares-comuns e perscrutando os silêncios e as entrelinhas, logrem desvelar indícios do estro de uma subjetividade racializada, apta a elaborar formas próprias de resistência... Em uma sociedade profundamente racista e patriarcal, muitas vezes é preciso resistir por caminhos menos visíveis.



Emiliano Pernetá. Fonte: <http://www.fotografandocuritiba.com.br/2017/02/o-principe-dos-poetas-do-parana-na-ilha.html>.

Na contemporaneidade surge uma nova geração de escritores negros falando das questões do povo azeviche, tal como Adegmar José da Silva, Candiero.

No artigo **Zelador Candiero: a poesia como forma de resistência**, afirmei que:

O poeta negro tem utilizado a palavra como importante meio de expressão do seu fazer e do seu existir. A prática literária é o espaço para o eu-enunciador, trazer para o debate as questões negras. E tem por meta a conscientização e o empoderamento do povo negro como sujeito do seu destino (OLIVEIRA SANTOS, 2015).



Laura Santos. Fonte: <https://letras-pretas.com/2018/05/08/por-uma-releitura-de-laura-santos/>

Nesta aula, explorar a poesia de Adegmar José da Silva e Melissa Reinehr. Adegmar, poeta negro paranaense, mais conhecido como Candiero, zelador das tradições e cultura negra no Paraná e sua companheira de vida e de luta Melissa Reinehr, coautora da produção literária candieirense.

Leitura em voz alta do poema de Mel e Candiero, **Estética negra**.

Entregue uma cópia da poesia para cada aluno e comece questionando se alguém conhece o poeta paranaense Candiero. Como imagina que ele seja? Por quê?



Candiero. Fonte: <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/escritor-curitibano-e-publicado-em-coletanea-nacional/44638>.

Estética negra

Espelho, espelho meu
 Existe alguém mais negro do que eu?
 Não, não, não...
 Não é prepotência
 É auto afirmação
 Não importa o teor de melanina
 Nossa história ensina
 Tenho que manter minha autoestima em dia
 Minha consciência negra
 Para não adoecer...
 Preciso me agarrar ao legado dos meus ancestrais
 Não me esquecer do que fizeram no passado
 Para não voltar a acontecer
 Deixar meu cabelo crescer naturalmente
 Estudar... Pesquisar
 Desenvolver minha consciência/mente
 Nos meus dreds... Não entra pente
 Desde os tempos da escravidão
 Arrumamos nossos cabelos com as mãos
 Trança raiz ... turbante
 Estética negra/africana
 Respeite minha cabeça... Minha beleza negra
 Minha coroa
 No meu Ori... Só quem é puro de coração põe a mão
 Não fui eu que inventei
 É a essência da nossa tradição...

Candiero, poema inédito.

Após ouvir os alunos. Apresente uma imagem do Candiero poeta militante do movimento negro curitibano paranaense.

Apresente os autores dos poemas, sua biografia, sua militância acompanhada de imagem (para dar visibilidade).

Comente o quanto este é importante para a luta de resistência do povo negro no Paraná.

Peça que os alunos façam uma leitura silenciosa do texto. Questione como o “eu-lírico” se apresenta? Quais as características do **eu-lírico**?

Explore o texto com os alunos, pois estamos atendendo “o horizonte de expectativa” do aluno. Ou seja, os dois poemas têm uma leitura tranquila, direta e no primeiro plano.

O registro das informações dadas pelos alunos na lousa é importante para que complementem de onde eles trazem as informações, como ficaram sabendo ou conhecendo o assunto ou o tema debatido.

A etapa seguinte consiste em **romper com o horizonte de expectativa** do aluno. Novos textos poéticos com alguma complexidade podem ser apresentados.

Entretanto, os demais recursos compositivos devem ser radicalmente diferentes, de modo a que o aluno ao mesmo tempo perceba estar ingressando num campo desconhecido, mas também não se sinta inseguro demais e rejeite a experiência (BORDINI, AGUIAR, 1993, p.89).

Nesta etapa de rompimento do horizonte de expectativa, o texto provocará no aluno uma estranheza, pois o óbvio, o já conhecido não está presente no poema. Sendo necessário que ele (o aluno) dialogue com o texto e com as demais informações anteriormente adquiridas. A partir do momento que esse diálogo leitor/texto acontece há um alargamento do conhecimento, e a ampliação de um novo horizonte de expectativa. Para o rompimento com o horizonte de expectativa apresentar o texto de Sérgio Vaz (2013, p 44), poeta engajado na defesa das causas raciais e um dos seus poemas, **Magia Negra**.

Entregue uma cópia da poesia para cada aluno e comece questionando se alguém conhece o poeta Sérgio Vaz. Como imagina que ele seja? Por quê? etc.

Após ouvir os alunos, apresente uma imagem do poeta Sérgio Vaz poeta militante do movimento negro acompanhada de imagem (para dar visibilidade).

Comente o quanto este é importante para a luta de resistência do povo negro. Peça que os alunos façam uma leitura silenciosa do texto. Questione sobre o quê o eu-lírico fala.

Se alguém conhece ou já ouviu falar de alguma das personagens citadas pelo **eu-lírico**. Explore o texto com os alunos.

O registro das informações dadas pelos alunos na lousa é importante para que os alunos complementem de onde eles trazem as informações, como ficaram sabendo ou conhecendo o assunto ou o tema debatido.

Este poema trata da criatividade, da beleza, da arte da etnia negra que mesmo sendo sufocada pelo racismo estrutural e institucional consegue se superar e mostrar o seu valor. O professor pode trabalhar este poema com os alunos valorizando a participação deles no entendimento do texto, fazer um levantamento oral de outros nomes de negros importantes para a etnia negra e anexar ao poema. E para concluir, sugerir um jogral para apresentação da música. Negociar um prazo para apresentação com os alunos e permitindo-os prepararem o jogral e completarem com outros ícones negros. O professor pode aproveitar e trabalhar o gênero **jogral** e suas características.

Agora, deve-se apresentar aos alunos a caixa “surpresa” com os vários poemas, para que cada aluno escolha um e faça uma leitura individual e silenciosa.

MAGIA NEGRA

Sérgio Vaz

Magia negra era o Pelé jogando, Cartola compondo, Milton cantando.

Magia negra é o poema de Castro Alves, o samba de Jovelina...

Magia negra é Djavan, Emicida, Mano Brown, Thalma de Freitas, Simonal.

Magia negra é Drogba, Fela Kuti, Jam Magia negra é dona Edith recitando no Sarau da Cooperifa. Carolina de Jesus é pura magia negra.

Garrincha tinha 2 pernas mágicas e negras

James Brown. Milton Santos é pura magia.

Não posso ouvir a palavra magia negra que me transformo num dragão.

Michael Jackson e Jordan é magia negra. Cafu, Milton Gonçalves, Dona Ivone Lara, Jefferson De, Robinho, Daiane dos Santos é magia negra.

Fabiana Cozza, Machado de Assis, James Baldwin, Alice Walker, Nelson Mandela, Tupac, isso é o que chamo de magia negra.

Magia negra é Malcom X. Martin Luther King, Mussum, Zumbi, João Antônio, Candeia e Paulinho da Viola. Usain Bolt, Elza Soares, Sarah Vaughan, Billy Holliday e Nina Simone é magia mais do que negra.

Eu faço magia negra quando danço Fundo de quintal e Bob Marley.

Cruz e Souza, Zózimo, Spike Lee, tudo é magia negra neles. Umoja, Espírito de Zumbi, Afro Koteban...

É mestre Bimba, é Vai-Vai é Mangueira todas as escolas transformando quartas-feira de cinza em alegria de primeira.

Magia negra é Sabotage, MV Bill, Anderson Silva e Solano Trindade.

Pepetela, Ondjaki, Ana Paula Taveres, João Mello... Magia negra.

Magia negra são os brancos que são solidários na luta contra o racismo.

Magia negra é o RAP, O Samba, o Blues, o Rock, Hip Hop de Africabambaataa.

Magia negra é magia que não acaba mais.

É isso e mais um monte de coisa que é magia negra.

O resto é feitiço racista.

Fonte:

<http://coleccionadordepedras1.blogspot.com/2012/07/magia-negra-magia-negra-era-o-pele.html>



Professor(a):

Prepare uma caixa com os poemas que você pretende trabalhar, dê preferência, nesta etapa, a poemas nos quais o eu-lírico assume a sua cor, a sua etnia, a capoeira, a luta, etc. Exemplos de poesias: *Estética Negra*, *Rua do Rosário*, *Batuqueiros*, *Roda de Rua*, *Angoleiros*, *Capoeira Angola (Candiero)*; *Sou Negro (Solano Trindade)*; *A Palavra Negro*, *Extrato*, *Educação (Cutí)*.

Indique alguns para realizar a leitura oral incentivando o ritmo e entonação; **Conhecendo elementos que constroem o poema e leitura individual e silenciosa.** Escolha alguns para realizar a leitura incentivando o ritmo e entonação.

Descrever aspectos que o diferenciam de outros gêneros textuais (estrutura, versos, estrofes e ritmo).

A quarta etapa é o questionamento do horizonte de expectativas. Uma avaliação do processo será muito produtiva para a percepção da evolução da aprendizagem. Segundo Bordini e Aguiar (1993), o aluno questiona o que lê e observa o texto com um novo olhar.

O professor nesta etapa apresenta outro poema dos poetas Mel e Candiero, **Curitiba Afro**, da obra **Oralidades Afroparanaenses** (REINEHR; SILVA, 2016). Este poema é um pouco mais complexo e provocará o questionamento do horizonte de expectativa provocando no aluno uma estranheza, pois o óbvio, o já conhecido não está presente no poema. Sendo necessário que ele (o aluno) dialogue um pouco mais com o texto e com as demais informações anteriormente adquiridas. A partir do momento que esse diálogo leitor/texto acontece há um alargamento do conhecimento, e a ampliação de um novo horizonte de expectativa.

Como todos os poemas de Mel e Candiero apresentam um caráter narrativo histórico, este é muito rico, pois traz uma síntese de fatos importantes para a população negra paranaense. O eu-enunciador (vou chamar de eu-enunciador porque o poema apresenta características da narrativa, fala de um presente e de um passado, suas dores, seus lamentos). Pode-se fazer ligação com várias disciplinas da grade curricular (português, história, geografia, sociologia, arte, etc.).

Neste momento – apresentar um fragmento do poema.

Curitiba Afro

Mel e Candiero

Um grito engasgado ecoou
E a Curitiba Afro se libertou
Mesmo com o apagamento
A história do negro
Hoje se revelou
Curitiba é negra
(...)

Iniciar uma série de questionamentos como: Alguém já viu este fragmento de texto? Sobre o que fala? O que significa a palavra apagamento no texto? Qual a possível mensagem do texto?

Segundo momento, passar no quadro o restante do texto ou entregar o texto completo xerocado. Retomar os questionamentos sobre o poema.

Aula de 50 minutos

Distribuir cópias do poema ou passar na lousa para que anotem no caderno. Leitura em voz alta da poesia completa **Curitiba Afro**.

Levantar questionamentos para reafirmar a bagagem de compreensão de texto do aluno. Ex: Qual o tema do poema? O poema remete a lugares físicos que conhecemos ou já ouvimos falar? Quais? O poema traz nomes de personalidades negras conhecidas ou não? Se sim, quais? Todas as observações dos alunos devem ser levadas em conta e valorizadas.

Aula de 50 minutos

Após essa compreensão de texto iniciar questionamentos sobre a estrutura física do gênero textual. Ex: Como podemos classificar esse tipo de texto? Por quê? Chamar à atenção para os números de versos e como podem ser classificados. Temos estrofes ou não? Podemos classificar essas estrofes como?

Como todos os poemas de Mel e Candiero apresentam um caráter narrativo histórico, este é muito rico, pois, traz uma síntese de fatos importantes para a população negra paranaense. O eu-enunciador (vou chamar de eu-enunciador porque o poema apresenta características da narrativa, falade um presente e de um passado, suas dores, seus lamentos). Pode-se fazer ligação com várias disciplinas da grade curricular. (Português, História, Geografia, Sociologia, Arte, etc.).



Explore o texto com os alunos, deixe-os falarem sobre o que percebem no poema e o que sabem sobre o tema, a que nos remetem as falas do eu-enunciador do poema. O professor vai complementando as informações, ajudando a construir e ampliar o conhecimento do aluno. Professor, essa é uma possibilidade de leitura crítica do poema “Curitiba Afro”, de Mel e Candiero.

O poema em sua apresentação segue os molde da poesia contemporânea, apresenta vinte e seis versos em uma única estrofe, apresenta de alguns versus rimado entre si mas não tem um esquema rimático definido, tem um ritmo leve e agradável para leitura.

No primeiro e segundo verso “um grito engasgado ecoou” e “a Curitiba Afro se libertou”, o eu-enunciador afirma que a história que estava escondida, agora começou a ser falada, a ser contada e o negro, que sofreu e ainda sofre com a negação dos direitos, está se empoderando. A Curitiba Afro está sendo mostrada para todos aqueles que achavam que a cidade de Curitiba era uma cidade só de base europeia, só de brancos, isso não existe.

Nos versos três, quatro, cinco, seis e sete, “mesmo com o apagamento”, “hoje se revelou”, “Curitiba é negra”, “Afro Curitiba” o eu-enunciador fala da invisibilidade a que foi submetida o povo negro e o apagamento da sua história (sinais da contribuição para a construção da cidade de Curitiba foram ignorados pelos historiadores), da sua memória agora está se revelando, esta sendo vista.

Os versos oito, nove, dez, onze, doze traz a questão dos batuques, maracatus, do candomblé, e do carnaval que foram proibidos até certo tempo na sociedade paranaense e que serviam para “louvar os antepassados”.

Do verso nove ao verso dezessete o eu-enunciador reconta a história e a memória lembrando personalidades negras no Paraná. Começando com Zacarias – Advogado, mestiço, primeiro presidente da província do Paraná- 19 de dezembro de 1853 a 03 de maio de 1855. Justiniano Clímaco da Silva, o Doutor Preto, primeiro médico na cidade de Londrina por 50 anos; Lenira Maria dos Santos Reis – cirurgiã dentista; Laura Santos – A pérola negra; Enedina Alves Marques – Engenheira que construiu pontes e a Usina Parigot de Souza, a 800 metros debaixo da terra; Tereza Ermelino dos Santos, delegada; Antônio e André Rebouças – engenheiros, construtores da estrada de ferro que corta a Serra da Graciosa; Mestre Vicente construtor da Catedral.

O eu-enunciador vai declarando, anunciando, a importância dessas grandes personagens negras que fizeram a história do Paraná e que foram camuflados, escondidos ou relegados a segundo plano na história do Paraná. Agora, a voz azeviche fala destes personagens fortes e importantes para a narrativa negra.

No verso dezoito, dezenove, a presença dos trabalhadores negros e suas trilhas para a colheita da erva-mate nas grandes fazendas vêm à tona pela voz azeviche nos últimos versos do poema, e finaliza sua fala, seu grito declarando que o Paraná é o estado mais negro do sul e que a etnia negra teve e tem participação ativa na fundação e no desenvolvimento do Paraná.

CURITIBA AFRO

Um grito engasgado ecoou
E a Curitiba Afro se libertou
Mesmo com o apagamento
A história do negro
Hoje se revelou
Curitiba é negra
Hoje na avenida vou louvar meus ancestrais
Busco invocar nossa história
Reavivar nossa memória
Na vida e no carnaval
De Zacarias a Rebouças
Se iniciam caminhos e novos trilhos
Que construíram nossa capital
Vou falar de Enedina
Mulher negra na engenharia
Com seu toque magistral
Também não me esqueço dos tropeiros
Os trabalhadores eram negros
E viviam na capital
Paraná
Estado mais negro do sul
Seu símbolo é uma gralha azul
Com uma cabeça singular
Passado presente na memória
Suas marcas são histórias
Deste povo milenar

Mel e Candiero
(REINEHR; SILVA, 2016)



Caro professor, essa leitura nos permite estabelecer pontes com as diversas disciplinas da grande curricular.

A quinta etapa é “a ampliação do horizonte de expectativas”, segundo Bordini e Aguiar (1993).

Os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições obtidas através da experiência com a literatura. Cotejando seu horizonte inicial de expectativas com os interesses atuais, verificam que suas exigências tornaram-se maiores, bem como que sua capacidade de decifrar o que não é conhecido foi aumentada (BORDINI e AGUIAR, 1993, p.90-91).

Para Oliveira Santos (2015), nesta etapa

o aluno se posiciona diante do texto de forma consciente e crítica, aceitando ou refutando a ideia implícita no texto e, o que é mais importante, ficando aberto para outras leituras. (Oliveira Santos, 2015).

Agora, podemos apresentar para o aluno, poemas como **Almas das Ruas**: Uma crônica para a alma negra curitibana; **Trajetórias de muitas vidas**: fragmentos da presença negra em Palmas; **Resistência Afro Paranaense**; **Marinheiros Negros** e **Mar Negro** de Mel e Candiero (REINEHR; SILVA, 2016), nos quais os eu-enunciadores continuam contando a história azeviche do Paraná.

A sugestão para trabalhar estes poemas oralmente, é a produção de um sarau de poemas azeviche. O professor deve orientar e facilitar as condições físicas para a realização do sarau. A organização e a realização do evento devem ser dos alunos. Os poemas sugeridos narram a história do negro paranaense.

O eu-lírico do poema “Almas das Ruas: Uma crônica para a alma negra curitibana” inicia sua narrativa com os versos:

Só consegue andar em brasas
Quem tem a sola do pé calejada
Engrossada pelas longas caminhadas da vida...

Já afirma que vai falar sobre um povo sofrido pelas condições de vida proporcionadas pelas classes dominantes. Relembra um período perverso durante o qual foram silenciados, desrespeitados, estereotipados com apoio das instituições que deveriam – entre elas, a igreja católica – proteger os humilhados e sofredores, presenciavam a tudo e nada faziam para evitar tais ações e atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Paraná ao adquirir o status de unidade política e cultural em agosto de 1853, sentiu a necessidade de uma identificação que o projetasse como Estado em progresso econômico e cultural. A sua elite política delineia um arcabouço de estereótipos físicos e culturais que o permitisse aproximar-se do modelo europeu. Narrativa traçada, com objetivo de convencer a todos brasileiros, inclusive a população paranaense, à época mestiça. Uma narrativa, iniciada por Wilson Martins, da não existência de negros do Paraná, foi contada e recontada mais, mais e mais, até que a população foi convencida da sua branquitude em detrimento de toda uma história (fundante) azeviche paranaense.

A narrativa azeviche foi calada por muito e muito tempo, seus indícios foram camuflados, diluídos e branqueados. A glória dos especialistas, mestres do corte da pedra, da extração do ouro, do cultivo da erva-mate, dos tropeiros, etc., foi redirecionada para protagonistas brancos ou não tão mestiços. Mas, não foi esquecida pelos mais velhos e, segundo Adegmar J. Silva - Candiero, continuou sendo contada em rodas de conversas, de capoeira, de batuques, reisados, maracatus e congadas nas pequenas vilas e grandes cidades paranaenses. Essa voz azeviche firme, foi mais fortalecida, após muitas lutas do povo negro, com a Lei 10.639, de 2003. A obrigatoriedade do ensino nas instituições educacionais da Cultura e História Africana e Afro Brasileira fortalece os movimentos negros a contarem e recontarem a história do seu povo.

Intelectuais se juntam aos escritores, poetas e griots (os mais velhos) para jogarem luz na história fundante do estado do Paraná. Poetas estes, através de uma poesia de cunho histórico, de estudos e pesquisas juntando materiais cavoucados nos museus, delegacias e coleções particulares, analisadas a partir de uma ótica científica e registradas. A poesia de Mel e Candiero traz a contribuição dos povos negros fundantes deste Estado. Cabe, agora, a nós, companheiros de luta, disseminar a sua história, a nossa história. Contar a versão do **leão**, pois, enquanto ouvirmos somente a versão dos caçadores, a lacuna da história negra ficará em aberto.



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Roberto. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira.** v.1. Editora Grafset, 2004.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem.** Ciência e cultura. São Paulo: v.4, n.9, pp.803-809. Set. 1972. In: PARANÁ, Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Curitiba: SEED, p. 57, 2008.

CANDIERO. **C'oração.** In.: Antologia da poesia negra curitibana. Atas do III Simpósio Internacional de Literatura Negra Ibero-americana. Disponível em <https://informativocentroculturalhumaita.files.wordpress.com/2017/06/e-book-atas-do-iii-simpoc3b3sio-internacional-de-literatura-negra-ibero-americana.pdf>.

_____. **Zelador Cultural.** Revista Curitiba Afro. Curitiba, Centro Cultural Humaitá. Nov, pp. 20-21, 2013. Disponível em: <https://informativocentroculturalhumaita.wordpress.com/curitibaafro/>.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

CUTI. **Negroesia: antologia poética.** 2ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

DOLZ, Joaquina; SCHNEUWLY, Bernard; NOVERRAZ, Michèle. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquinae colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FERRARINI, Sebastião. **A Escravidão Negra na Província do Paraná.** Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1971.

MUZZILLO, Camila. **1001 ruas de Curitiba.** Organizado por Camila Muzzillo. Curitiba. Artes & Textos. 2011, p. 240.

OLIVEIRA SANTOS, Romilda. **Candiero: poesia como forma de resistência.** Disponível em: https://issuu.com/melissareinehr/docs/candiero_poesia_como_forma_de_res.

_____. **Uma reflexão sobre o desenvolvimento de posturas positivas em relação à etnia negra nas salas de aula, através da Literatura afro brasileira e africana.** Cadernos PDE, v.2, 2015.

REINEHR, Melissa; SILVA, Adegmar J. **Oralidades Afroparanaenses**: fragmentos da presença negra na história do Paraná. Curitiba, Editora Humaitá, 2016.

_____. **AfroCuritibanos**: crônicas, manifestos e pensamentos azeviche. Curitiba: Editora Humaitá, 2015.

SITES CONSULTADOS

VAZ, Sérgio. Magia Negra. <http://coleccionadordepedras1.blogspot.com/2012/07/magia-negra-magia-negra-era-o-pele.html> . Consultado em: 8 nov. 2018.

CANTIGA DE CAPOEIRA A Flor da África. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/a-quatro-vozes/1657190/>. Consultado em: 8 nov. 2018.

GAZETA DO POVO. **Curitiba de musas e símbolos**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br>.

JONGO. **História do Jongo e o Jongo da Serrinha**. Disponível em: <http://jongodaserrinha.org/historia-do-jongo-no-brasil/>. Consultado em: 8 nov. 2018.

PRETINHO, **Cantiga de capoeira A-E-I-O-U**. Disponível em: <http://capoeiralyrics.info/songs/a-e-i-o-u.html>. Consultado em: 8 nov. 2018.

SAMYN, Henrique Marques. **Por uma releitura de Laura Santos**. Disponível em: <https://letraspretas.com/2018/05/08/por-uma-releitura-de-laura-santos/>. Consultado em: 8 nov. 2018.

TAMBELLI, Alexandre. **O que é poesia e o que é poema?** Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/4140005>. Consultado em: 8 nov. 2018.

TRINDADE, S. **História de vida**. Disponível em: <http://www.quilombhoje.com.br/solano/solano-trindade.htm>. Consultado em: 8 nov. 2018.

TRINDADE, Solano. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2015/06/solano-trindade.html>. Consultado em: 8 nov. 2018.

